



**Comunicação, linguagem e violência simbólica:
o idioma como identidade e mediação cultural em movimentos migratórios**

**Communication, language and symbolic violence:
language as identity and cultural mediation in migratory movements *English translation
of your title***

Lucas Piva Calixto¹
Jozieli Cardenal²

Resumo: Este artigo explora a linguagem como elemento fundamental na construção da identidade com base nas teorias de autores como Bakhtin (2014), Fanon (2008), Bourdieu (1989), Santos (2007) e Martín-Barbero (1997). A reflexão proposta entende a linguagem não apenas como meio de comunicação, mas como um campo em que as identidades são constantemente negociadas e reconfiguradas enquanto manifestações de violência simbólica. Para tanto, discute a problemática a partir da apropriação cultural da linguagem em movimentos migratórios, mais especificamente a imigração haitiana em um município paranaense.

Palavras-chave: Comunicação; Linguagem; Imigrantes; Identidade; Violência simbólica.

Abstract: This article explores language as a fundamental element in the construction of identity, based on the theories of authors such as Bakhtin (2014), Fanon (2008), Bourdieu (1989), Santos (2007) and Martín-Barbero (1997). The proposed reflection understands language not only as a means of communication, but as a field in which identities are constantly negotiated and reconfigured as manifestations of symbolic violence. To this end, it discusses the problem based on the cultural appropriation of language in migratory movements, specifically Haitian immigration in a municipality in Paraná.

Keywords: Communication; Language; Immigrants; Identity; Symbolic violence.

¹ Recém-graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP). E-mail: lucaspivacalixto@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP). E-mail: jozieli.cardenal@unidep.edu.br



Introdução

Este artigo tece reflexões sobre o lugar da linguagem na apropriação cultural de imigrantes. A partir de teorias do círculo bakhtiniano, o estudo destaca a natureza dinâmica e polifônica da linguagem, compreendendo-a como um campo em constante transformação pelas interações sociais.

A análise do dialogismo e dos gêneros do discurso revela que a linguagem transcende a simples transmissão de informações, funcionando como uma arena em que diferentes vozes sociais se encontram e conflitam, produzindo significados complexos e multifacetados. O artigo também explora a relação entre linguagem e identidade, fundamentando-se nas perspectivas de Fanon (2008). Nesse contexto, a linguagem é vista não apenas como uma expressão da identidade, mas como uma força ativa na sua construção e negociação.

Além disso, o trabalho investiga como, em contextos marcados por heranças coloniais e multiculturais, a linguagem atua tanto como ferramenta de resistência quanto de opressão, influenciando a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e como são percebidos pelos outros. A análise da violência simbólica na linguagem, conforme proposta por Bourdieu (1989), examina como as estruturas linguísticas e discursivas podem perpetuar desigualdades e hierarquias sociais. Dessa forma, a dialogia da linguagem não apenas expressa a diversidade, mas também serve como um terreno em que ideologias são incorporadas e padrões de poder são reproduzidos, moldando a percepção coletiva. Nesse sentido, situa brevemente o movimento migratório de haitianos na cidade de Pato Branco, no Sudoeste do Paraná.

1. Linguagem, comunicação e imigração

Esta seção aborda a relação entre linguagem e racismo, utilizando conceitos e reflexões apresentados, principalmente, por Fanon (2008) e Bakhtin (2014), a partir de análises sobre a concepção de sujeito, interação social e comunicação. Com isso, explora como a linguagem pode ser tanto uma ferramenta de inclusão quanto um instrumento de reprodução de relações sustentadas pela racialização do ser. Nesse sentido, a concepção de sujeito do Círculo de Bakhtin enfatiza a importância das relações sociais na formação do indivíduo, pois: “O Círculo,



portanto, olha para o diálogo face a face do mesmo modo que olha para uma obra literária, um tratado filosófico, um texto religioso, isto é, como eventos da grande interação sociocultural de qualquer grupo humano” (Faraco, 2009, p. 62).

Nesse contexto, a linguagem desempenha um papel fundamental na construção da identidade e subjetividade dos sujeitos. Por meio da interação verbal e do diálogo com outros sujeitos, o indivíduo desenvolve sua consciência de si e do mundo ao seu redor, pois, “com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo” (Faraco, 2009, p. 50-51).

No entanto, é importante compreender que a linguagem não é apenas um reflexo direto da realidade, mas sim uma construção social. Ela é moldada por fatores culturais, sociais e históricos, e é influenciada pelas relações de poder existentes na sociedade. Essa compreensão nos permite analisar como o preconceito manifesta-se na linguagem e como os discursos racistas são produzidos e reproduzidos nas interações comunicativas.

Fanon (2008), em suas reflexões sobre os mecanismos de reprodução racismo, destaca a opressão linguística como uma das formas de discriminação e exclusão enfrentadas pelas pessoas racializadas, pois “um homem [neste contexto, homem representa o indivíduo, independente do gênero] que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito” (Fanon, 2008, p. 34). Na obra “Pele negra, máscaras brancas”, Fanon (2008) versa sobre como, ao imigrar e viver em um novo lugar, com uma nova cultura e língua, por vezes ocorre o apagamento da identidade negra. No caso do locus deste artigo, ao imigrar para o Brasil, o haitiano desprende-se de sua identidade ao conviver apenas com a cultura brasileira, apagando muito de seus costumes culturais e se comunicando majoritariamente em português, uma vez que:

Eis aqui portanto o recém-chegado. Não conhecendo mais o patoá, fala com entusiasmo da Ópera de Paris, que talvez tenha percebido de longe, porém adota uma atitude crítica em relação a seus compatriotas. Diante do mais insignificante acontecimento, quer passar por um tipo especial. Ele é aquele que sabe. Ele se identifica através da linguagem (Fanon, 2008, p. 39).



Isso resulta na imposição da língua do colonizador sobre os colonizados que nega a identidade e a cultura dos oprimidos, uma vez que “o colonizador” não preocupa-se em entender as necessidades do imigrante, pois:

Assim, a ideia de que o negro gosta de resolver seus problemas pelo diálogo e é rapidamente associada a esta outra proposição: o negro não passa de uma criança. Aqui os psicanalistas estão em seu ambiente e o termo oralidade é logo convocado. Nesse contexto, a linguagem é usada como um instrumento de poder para perpetuar relações desiguais e hierarquias raciais (Fanon, 2008, p. 41).

Assim, Fanon (2008) ressalta que a distância da linguagem materna/nativa ocasiona a desumanização e o afastamento de culturas e modos de existência das pessoas racializadas. Portanto, deve-se entender como esses temas manifestam-se na cidade de estudo da pesquisa, Pato Branco, Paraná, que recebe imigrantes “[...] pois é uma cidade que possui em seu escopo marcas do movimento migratório” (Duarte, 2018, p. 16).

É importante ressaltar que o Brasil tem o movimento migratório como principal característica de sua formação, uma vez que:

[...] o que temos a priori é que o Brasil tem sua história marcada por fluxos migratórios constantes, que ocorrem desde 1530 [...] Carneiro (1950) pontua o processo migratório no Brasil da seguinte forma: 1808 a 1886, vieram alemães, 1887 a 1930 vieram os italianos e 1931 a 1950 vieram os japoneses (Duarte, 2018, p. 20).

Porém, nesses casos, quando alemães, italianos e japoneses vieram ao Brasil, contaram com incentivos para sua permanência, como trabalhos em lavouras e políticas públicas de povoamento. Contudo, isso não aconteceu com povos negros, historicamente relacionados à escravização de seres. Dessa forma, os haitianos, ao migrarem ao Brasil, precisam encarar diversos desafios para viverem no País.

Como Pato Branco tem em sua maioria colonizadores europeus, o fenômeno migratório de haitianos resultou em uma alternância na dinâmica social da população já residente na cidade:



[...] a presença dos haitianos desperta a atenção da população patobranquense, principalmente por serem novos na cidade e negros, já que a região é fortemente caracterizada pela presença de descendentes de alemães, italianos e poloneses, não sendo comum a presença de descendentes da referida etnia. Diante disso, houve um estranhamento por parte da população patobranquense, que manifesta discursos racistas e preconceituosos em relação a esses haitianos (Duarte, 2018, p. 29-30).

E, com isso, o caráter excludente de pato-branquenses em relação aos haitianos cria desafios para os imigrantes lidarem ao chegarem na cidade, uma vez que a barreira linguística soma-se à racialização das relações, tornando mais difícil a adaptação na cidade. De acordo com Duarte (2028, p. 30), o “entrave maior é a língua portuguesa e a falta de entrosamento dos migrantes haitianos com a população local”.

Essa reação excludente é levantada por Hall (2003), que alerta sobre os impactos da categorização de seres e saberes em *raça* e *etnia*. Assim, o multiculturalismo, ao mesmo tempo em que reconhece a diversidade cultural, também segrega e invisibiliza os “diferentes”. Nesse “entre-lugar” (Santiago, 2000) de silenciamentos e apagamentos, o ser que migra, muitas vezes, permanece no limiar entre a cultura do novo País e as raízes que lhe ligam às suas heranças linguísticas.

Reitera-se, também, que ao migrar, o haitiano está em busca de novas oportunidades de vida, movimento que aproxima-se da busca por um novo lar. Isso também mobiliza as experiências de migrantes negros que almejam refúgio na Europa, como pontua Fanon (2008, p. 37): “o negro, prisioneiro na sua ilha, perdido em um ambiente sem saída, sente este apelo da Europa como uma lufada de ar fresco”.

A linguagem, nesse contexto, configura-se como um espelho das estruturas sociais e das relações de poder existentes na sociedade. Como Fanon (2008) observa, o racismo, muitas vezes, manifesta-se na linguagem, perpetuando estereótipos e hierarquias raciais. As palavras e expressões carregam conotações culturais e históricas que podem marginalizar e desumanizar grupos racializados. Fanon (2008, p. 48) destaca que “a linguagem é um espaço onde as formas mais arcaicas e inconscientes de raiva e racismo podem encontrar expressão”. Isso demonstra como a linguagem não é apenas uma ferramenta neutra, mas sim uma arena em que as ideologias (Bakhtin, 2014), por vezes racistas e racializadas, podem ser transmitidas e reforçadas.



A opressão linguística também manifesta-se por meio do poder de nomear os signos sociais. Fanon (2008) observa que, por vezes, as pessoas racializadas são nomeadas de maneira depreciativa ou desumanizadora, perpetuando a marginalização e os silenciamentos históricos. Por exemplo: “o preto é um homem. Quem lhe deu esse nome de escravo? O branco” (Fanon, 2008, p. 61). Essa imposição de nomenclaturas carregadas de significados racistas reforça a dominação do colonizador sobre o colonizado, contribuindo para a perda de identidade. Dessa forma, a internalização das ideias racistas afeta a autoimagem das pessoas racializadas, já que a linguagem não é apenas uma ferramenta externa, mas também molda a percepção interna dos indivíduos sobre si e suas identidades.

Assim sendo, entende-se que a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também uma mediação cultural e histórica que reflete e perpetua as estruturas de poder dominantes. Ao examinarmos a intersecção entre linguagem, comunicação e imigração, é importante considerar a teoria das mediações de Martín-Barbero (1997), que propõe uma perspectiva entre cultura popular e identidades a partir da interação coletiva com os discursos propagados pelos meios de massa que, por sua vez, moldam modos de vida e impactam as experiências migratórias na vida contemporânea, além de evidenciar a relação entre “a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural” (Martín-Barbero, 1997, p. 292).

Ao analisar a relação entre linguagem, racismo e poder, compreende-se como as palavras, enquanto signos ideológicos, podem ser usadas para excluir seres e saberes, o que evidencia a necessidade de uma abordagem crítica e consciente da linguagem em contextos de desigualdade racial.

2. Linguagem e dialogismo na arena ideológica

A linguagem, como ferramenta fundamental de comunicação e expressão, é um elemento intrínseco à experiência humana. No entanto, essa ferramenta vai além da mera transmissão de informações; ela é um conjunto complexo de signos (Saussure, 2006), em que as vozes sociais entrelaçam-se, os significados são construídos e a interação entre os sujeitos é manifestada.



A partir do dialogismo, enfatiza-se que a comunicação não é uma via de mão única, mas, sim, um intercâmbio constante de vozes sociais (Bakhtin, 2014). A interação entre locutor e interlocutor é um processo dinâmico, em que as vozes individuais entram em diálogo, gerando significados complexos, uma vez que “os signos não podem ser unívocos (monossêmicos); só podem ser plurívocos (multissêmicos)” (Faraco, 2009, p. 51). Isso significa que cada palavra ou expressão não possui um único significado, mas são moldadas pelas experiências e perspectivas individuais, resultando em uma miríade de interpretações.

O dialogismo, a partir da perspectiva bakhtiniana, também aborda a natureza plurilinguística da linguagem. As vozes sociais são diversificadas e múltiplas, resultando na coexistência de diferentes perspectivas e discursos, assim “a sociedade se divide em múltiplos grupos e segmentos, nos termos das relações entre esses grupos e segmentos” (Sobral, 2009, p. 48). Essa divisão é um reflexo da complexidade das relações humanas e da coexistência de diversas comunidades linguísticas e culturais. O dialogismo não apenas permite a multiplicidade de interpretações, mas também enriquece a linguagem, tornando-a um campo fértil para a criação de significados.

A teoria bakhtiniana também discute a relação entre linguagem e individualidade, entendendo que o sujeito não é uma entidade isolada, mas sim um produto das interações sociais; “o sujeito se divide em múltiplos papéis, nos termos de suas relações sociais” (Faraco, 2009, p. 48). Essa visão desafia a noção tradicional de individualidade, mostrando que a identidade é formada pela interação com outros sujeitos em contextos sociais específicos e diversos. Portanto, a linguagem não apenas reflete a individualidade, mas também a constrói por meio das relações sociais e coletivas.

A dialogicidade também traduz a relação entre sujeito e sociedade. Sobral (2009) aponta que a linguagem é impregnada de ideologia e reflete as estruturas sociais mais amplas, precisando da psique para ter sentido. Essa interação entre ideologia e psique culmina na formação do “signo ideológico”, que resulta das avaliações individuais e sociais do mundo concreto. Isso demonstra que a linguagem é um meio pelo qual a ideologia é transmitida e negociada entre os sujeitos, construindo significados que vão além do nível individual.

Além disso, a linguagem não é apenas um espelho da realidade, mas um construtor ativo dela. Sobral (2009, p. 55) ressalta que a linguagem não reflete o mundo de maneira direta, mas



o “torna objeto de uma construção social e histórica”. Essa visão destaca que a linguagem não é uma representação fiel da realidade, mas, sim, uma construção coletiva que reflete as interpretações e avaliações dos sujeitos.

Assim, o dialogismo sógnico não apenas enriquece a compreensão da linguagem, mas também ressoa nas esferas sociais e políticas. Faraco (2009) destaca que “com os signos podemos apontar para uma realidade que lhes é externa (para a materialidade do mundo), mas o fazemos sempre de modo refratado” (Faraco, 2009, p. 50-51). Isso significa que as palavras não são neutras, pois carregam as conotações e perspectivas das vozes sociais que as utilizam.

Assim, a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um instrumento de poder; no diálogo, as vozes sociais competem e colidem, influenciando a construção dos significados e do fluxo de ideias na sociedade. Essa natureza dialógica da linguagem também se manifesta na própria estrutura do discurso.

Segundo Sobral (2009), o sujeito é formado pelas interações que mantém na coletividade, em que “o Círculo de Bakhtin teoriza precisamente sobre a individualidade, o sujeito, mas, realisticamente, em suas relações com outros sujeitos que o constituem e são constituídos por ele” (Sobral, 2009, p. 47). Dessa forma, estabeleceu-se o conceito de “gêneros do discurso” para descrever as formas específicas que a linguagem assume em contextos sociais variados (Bakhtin, 2011). Cada gênero de discurso é moldado pelas convenções e expectativas da comunidade em que é utilizado. Esses gêneros não são fixos, evoluem à medida que a sociedade muda: “o sujeito se divide em múltiplos papéis, nos termos de suas relações sociais, e a sociedade se divide em múltiplos grupos e segmentos, nos termos das relações entre esses grupos” (Sobral, 2009, p. 48). Isso evidencia que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também uma expressão da cultura e das interações sociais.

Entretanto, o dialogismo não está isento de desafios e tensões. A interação entre vozes sociais também pode resultar em mal-entendidos e conflitos. De acordo com Faraco (2009), as experiências das pessoas são diversas, tornando impossível atribuir um único significado a um enunciado sógnico. Isso ressalta a complexidade da comunicação e dos signos linguísticos; e indica que diferentes interpretações podem surgir do mesmo discurso. No entanto, essa diversidade também enriquece a comunicação, permitindo uma troca dinâmica de ideias, culturas e significados.



A perspectiva de Bakhtin (2014) sobre linguagem e dialogismo nos desafia a considerar a linguagem não como um sistema fechado, mas como um espaço aberto, movente e interativo. Por meio do diálogo, as vozes sociais entrelaçam-se, criando um mosaico de significados que refletem a diversidade e a complexidade da experiência humana. O dialogismo não apenas ressoa na comunicação cotidiana, mas também nas esferas mais amplas da cultura, do poder e da identidade. Sobral (2009, p. 53) destaca que “os seres humanos se tornam sujeitos humanos através da interação com outros sujeitos em situações sociais e históricas concretas”. Ao explorar esses conceitos, podemos expandir nossa compreensão da linguagem como uma ferramenta viva e dinâmica que molda e é moldada pelas vozes sociais que a compõem.

Em conclusão, o dialogismo, enquanto resultado da interação entre vozes sociais, forma a essência da linguagem, permitindo a criação de significados plurais e dinâmicos. A linguagem não apenas reflete a individualidade dos sujeitos, mas também os constitui por meio das relações sociais.

3. A linguagem na construção dialógica da identidade

O Círculo bakhtiniano propôs uma abordagem dialógica da linguagem e do discurso, apontando que a linguagem é essencialmente dialogizada, ou seja, moldada pelas interações sociais, não sendo um produto isolado da mente individual humana. Portanto, o dialogismo é uma característica fundamental da linguagem, pois os significados não são fixos, mas sim construídos na interação entre falantes, pois “a compreensão das coisas pela consciência individual só ocorre com base num material dotado de sentido e esse material tem uma realidade concreta e vem da realidade concreta mais ampla” (Sobral, 2009, p. 49). Isso implica que a linguagem é profundamente enraizada no contexto social e histórico em que é usada; e é por meio dessa interação que os sujeitos constroem suas identidades.

A relação entre linguagem e identidade é dinâmica e permanece em constante evolução. A identidade de um sujeito é formada nas interações com outros sujeitos e com o mundo ao seu redor. Cada sujeito deixa sua marca no mundo por meio dos atos que pratica, e esses atos são moldados pelas relações sociais e históricas em que ocorrem (Sobral, 2009). Assim, a linguagem não apenas reflete a identidade, mas também a constitui e a transforma.



Fanon (2008), por sua vez, aborda a relação entre linguagem e identidade a partir de uma perspectiva pós-colonial. Em suas obras examinou como o colonialismo e a opressão racial afetam a formação da identidade dos sujeitos colonizados, mostrando que a linguagem é usada como uma ferramenta de dominação colonial, pois os colonizadores impõe sua língua, signos e cultura sobre os colonizados, resultando em uma alienação linguística e cultural, em que “a língua do colonizador, usada para esclarecer o colonizado, é uma língua cortante, que esvazia o mundo da maneira que interessa ao colonizador” (Fanon, 2008, p. 31).

Dessa forma, a linguagem desempenha um papel crucial na construção da identidade, especialmente em contextos coloniais e colonizados por modelos eurocêntricos de existência. A luta pela recuperação da língua e da cultura dos indivíduos colonizados é fundamental para a reconstrução de sua identidade. Fanon (2008, p.32) enfatiza a importância de “falar sua própria língua, pensar sua própria cultura” como parte da luta contra a opressão colonial. Assim, a linguagem é vista como uma ferramenta de resistência e empoderamento, permitindo que os colonizados reafirmem sua identidade e recuperem o controle sobre suas narrativas.

Ao considerar as perspectivas de Bakhtin (2011, 2014) e Fanon (2008) sobre linguagem e identidade, é evidente que ambos os pensadores enfatizam a natureza social e interativa da linguagem na construção do sujeito. Enquanto Bakhtin (2014) enfoca o dialogismo e a constante interação coletiva na formação da identidade, Fanon (2008) ressalta a luta contra a opressão colonial, por meio da recuperação da língua e da cultura. Ambos destacam que a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um meio fundamental pelo qual os sujeitos constroem, expressam e negociam suas identidades em contextos sociais complexos.

A complexa interação entre linguagem e identidade traduz a interação entre indivíduos e enaltece a identidade de cada um, pois a “interação face a face só pode ser adequadamente analisada - mesmo quando a consideramos em sua absoluta singularidade, como evento único e irrepitível - projetando-a na grande torrente da interação social” (Faraco, 2009, p. 65), o que enfatiza a natureza fragmentada e fluida da identidade, destacando que a identidade não é fixa, mas sim construída e moldada em diferentes discursos culturais e sociais.

A linguagem desempenha um papel central na negociação da identidade cultural e individual. Como Fanon (2008) observa, ao assumir uma cultura e integrar uma comunidade, as pessoas constroem identidades e escolhem palavras, linguagens corporais e outras formas de



expressão. Para o Círculo de Bakhtin, o dialogismo demonstra que não é possível expressar uma ideia sem que ela seja influenciada pela perspectiva de quem a expressa e de quem a recebe, pois, “em outros termos, para o Círculo, não é possível significar sem refratar” (Faraco, 2009, p. 51).

Isso implica que a maneira como os indivíduos usam a linguagem não é apenas uma expressão de suas percepções, mas também um meio pelo qual engajam-se ativamente na criação e recriação de suas identidades. Essa interação entre linguagem e identidade é particularmente visível em contextos multiculturais, em que os sujeitos precisam navegar entre diferentes línguas e códigos culturais para expressarem sua identidade de maneira autêntica.

A construção da identidade também está ligada à memória e à narrativa pessoal. As pessoas usam a linguagem e os signos culturais para contar histórias sobre si e suas experiências de vida, o que contribui para a formação de uma narrativa identitária, uma vez que signos não são monossêmicos ou imutáveis, possuindo mais de um significado, dependendo da perspectiva do indivíduo que o produz e do indivíduo que o interpreta (Faraco, 2009).

O Círculo, portanto, olha para o diálogo face a face do mesmo modo que olha para uma obra literária, um tratado filosófico, um texto religioso, isto é, como eventos da grande interação sociocultural de qualquer grupo humano (Faraco, 2009, p. 62).

No entanto, é importante reconhecer que a construção da identidade não ocorre em um vazio linguístico. As estruturas sociais, as normas culturais e os sistemas de poder também desempenham um papel na formação da identidade. Como Sobral (2009) destaca, a identidade é uma interseção complexa entre o “eu” individual e as categorias sociais às quais pertencemos, uma vez que “a compreensão das coisas pela consciência individual só ocorre com base num material dotado de sentido e esse material tem uma realidade concreta e vem da realidade concreta mais ampla, que não é nem pode ser individual” (Sobral, 2009, p. 49). Isso significa que a linguagem e a identidade estão imersas em sistemas mais amplos de significado e poder, e a forma como expressamos nossa identidade também está sujeita às influências externas.

A relação entre linguagem e identidade é profundamente enraizada na interação social, na cultura e nas estruturas de poder. A linguagem não apenas reflete a identidade, mas também



é uma ferramenta ativa na sua construção, negociação e expressão; um processo em constante evolução, moldado pelas interações sociais, narrativas pessoais e contextos culturais.

4 A violência simbólica presente na linguagem

A temática que envolve a violência simbólica e seu entrelaçamento com a linguagem emerge como um campo de reflexão ao considerarmos as perspectivas teóricas de Bakhtin (2014) e Fanon (2008). A violência simbólica, aqui conceituada por Bourdieu (1989), delinea formas muitas vezes sutis e imperceptíveis de opressão que manifestam-se por meio de símbolos, discursos e práticas culturais, uma vez que “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 1989, p. 07).

No contexto específico da linguagem, a violência simbólica revela-se como um fenômeno em que as estruturas linguísticas e discursivas são habilmente empregadas para perpetuar relações de poder desiguais. Isso reverbera em produtos do conhecimento ocidental, tais como órgãos institucionais, a escola e a igreja (Garighan, 2021); uma teia de poder que envolve as mais diversas formas de interação e vivências sociais.

As reflexões de Bakhtin (2014) ressaltam a plurivocidade da linguagem, e destacam que as palavras não são estáticas, mas, ao contrário, são moldadas pelas experiências individuais inseridas na coletividade, uma vez que “a plurivocidade (o caráter polissêmico) é a condição de funcionamento dos signos nas sociedades humanas” (Faraco, 2009, p. 51). Todavia, essa característica intrínseca da linguagem também pode ser explorada como uma ferramenta sutil, mas poderosa, de manipulação de poder, pois “o poder simbólico como poder de constituir, dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo” (Bourdieu, 1989, p. 14). Ou seja, o poder simbólico tem a capacidade de moldar a percepção de mundo, por meio da enunciação, enfatizando o papel crucial das palavras e das formas de expressão.

Bakhtin (2014), ao ilustrar a natureza dialógica da linguagem, enfatiza sua impregnação ideológica. Isso implica que os discursos, por meio da escolha cuidadosa de palavras e da



formulação de narrativas específicas, carregam consigo as ideias e estruturas de poder presentes na sociedade:

E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar e fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade (Bakhtin, 2014, p. 31).

A linguagem, portanto, torna-se uma ferramenta complexa que pode ser utilizada para reforçar hierarquias sociais, marginalizar grupos específicos e perpetuar estereótipos prejudiciais.

Os sistemas ideológicos que os especialistas produzem para a luta pelo monopólio da produção ideológica legítima [...] reproduzem sob forma irreconhecível, por intermédio da homologia entre o campo de produção ideológica e o campo das classes sociais, a estrutura do campo das classes sociais (Bourdieu, 1989, p. 12).

Os apontamentos de Fanon (2008) complementam essa perspectiva, especialmente quando contextualizados em ambientes pós-coloniais. O autor afirma que “[...] um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito” (Fanon, 2008, p. 34). Assim, esse estudo observa como a imposição da língua do colonizador sobre os colonizados transcende a mera comunicação, transformando-se em uma forma de violência que esvazia o mundo de acordo com os interesses do colonizador. Essa imposição linguística não apenas aliena culturalmente, mas também manifesta-se como um instrumento de manutenção da dominação colonial.

O negro que conhece a metrópole é um semideus. A respeito disso, lembro de um fato que deve ter impressionado gerações de meus compatriotas. Muitos antilhanos, após uma estadia mais ou menos longa na metrópole, voltam para ser consagrados (Fanon, 2008, p. 35).

Ao privar os imigrantes que não integram a lógica colonial (ocidental e eurocêntrica) de suas próprias línguas e impor a língua do colonizador ao seu modo de existência, ocorre uma usurpação não apenas da comunicação, mas também da maneira como os colonizados concebem e interpretam o mundo ao seu redor. Isso cria uma dinâmica desigual de poder,



tornando a linguagem uma ferramenta sutil, mas poderosa, para moldar a percepção e manter a hierarquia colonial.

Em um contexto brasileiro, essa discussão assume relevância, considerando a riqueza de diversidade étnica, cultural e social do País. As dinâmicas linguísticas refletem e, ao mesmo tempo, moldam as complexas relações sociais, nas quais a violência simbólica pode se manifestar na marginalização de grupos étnicos, na imposição de normas linguísticas elitistas e na perpetuação de estereótipos segregadores. Nesse contexto, Santos (2007, p. 91) salienta que, “na perspectiva das epistemologias abissais do Norte global, o policiamento das fronteiras do conhecimento relevante é de longe mais decisivo do que as discussões sobre diferenças internas”. Isso ressoa a complexidade das relações linguísticas brasileiras e enfatiza a importância de compreender as dinâmicas que limitam o acesso a formas de conhecimento, especialmente aquelas que são consideradas marginalizadas.

Dessa forma, a análise aprofundada das teorias de Bakhtin (2014), Fanon (2008), Bourdieu (1989) e Santos (2007) proporciona uma sólida base teórica para compreender como a linguagem pode tornar-se uma arena de violência simbólica:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘Sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados (Bourdieu, 1989, p. 11).

O reconhecimento da natureza dialógica da linguagem e da intrínseca relação entre linguagem e poder capacita a desvelar as formas complexas pelas quais a violência simbólica opera, desafiando-as e propiciando a promoção de discursos mais inclusivos e igualitários. É notório que, frequentemente, o diálogo com pessoas em situações de opressão pode ser menos respeitoso e mais infantilizante (Fanon, 2008), como se a voz do oprimido fosse desconsiderada ou desvalorizada. Por exemplo, no contexto do racismo, pode haver uma tendência de tratar o negro de maneira condescendente, como se suas opiniões e experiências fossem menos válidas.

A sobreposição entre linguagem e poder, quando se manifesta de maneira simbólica, pode gerar efeitos duradouros na construção de identidades individuais e coletivas,



influenciando a forma como os sujeitos se veem e são vistos na sociedade; especialmente quando esta é sustentada por símbolos ocidentais e possui uma estrutura racista (Garighan, 2021). Além disso, é fundamental explorar como a violência simbólica permeia instituições sociais, como a educação e os meios de comunicação, moldando não apenas a linguagem, mas também as estruturas de pensamento e as percepções coletivas, uma vez que “não é suficiente enunciar o fato da desigualdade diante da escola, é necessário descrever os mecanismos objetivos que determinam a eliminação contínua das crianças” (Bourdieu, 1998, p. 41).

Conclusão

O exame das teorias de Bakhtin (2014), Fanon (2008), Bourdieu (1989) e Santos (2007) proporciona uma compreensão multifacetada da interseção entre linguagem, identidade e violência simbólica. A linguagem é revelada como um fenômeno dinâmico e socialmente enraizado, desempenhando um papel central na construção e negociação das identidades individuais e coletivas. As interações linguísticas não apenas refletem, mas também constituem e transformam as identidades, sendo moldadas por contextos sociais, históricos e culturais.

O dialogismo proposto por Bakhtin (2014) destaca a natureza interativa da linguagem, enfatizando como os significados são construídos na interação entre falantes. Isso ressoa com a visão de Fanon (2008) sobre a linguagem como uma ferramenta de resistência e empoderamento, especialmente em contextos pós-coloniais. A imposição da língua do colonizador é reconhecida como uma forma de violência simbólica que não apenas aliena culturalmente, mas também perpetua a dominação colonial.

A perspectiva de Bourdieu (1989) amplia nossa compreensão, introduzindo o conceito de violência simbólica. A linguagem é reconhecida como um instrumento de poder, capaz de moldar percepções, legitimar hierarquias e reproduzir estruturas de dominação. A linguagem não é neutra, e as escolhas linguísticas podem ter implicações significativas na manutenção ou desafio das relações de poder existentes.

Santos (2007), por sua vez, adiciona uma dimensão epistemológica à discussão, destacando como as dinâmicas linguísticas refletem as relações de poder no acesso ao conhecimento. O policiamento das fronteiras do conhecimento é reconhecido como uma forma



de violência simbólica que perpetua desigualdades e marginaliza formas de conhecimento consideradas “marginais”, por não pertencerem às convenções do centro hierarquizador.

A interseção entre linguagem, identidade e violência simbólica é particularmente relevante em contextos multiculturais, como o brasileiro, nos quais a diversidade étnica e cultural é abundante. A análise dessas teorias oferece insights para compreender as complexas dinâmicas linguísticas brasileiras, cuja violência simbólica pode manifestar-se na marginalização de grupos étnicos, na imposição de normas linguísticas elitistas e na perpetuação de estereótipos.

Em conclusão, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas uma arena complexa em que as identidades coexistem. A consciência da violência simbólica é essencial para desafiar as estruturas de poder existentes e promover discursos mais inclusivos e igualitários. O reconhecimento da natureza dialógica da linguagem e de sua relação intrínseca com o poder oferece uma base sólida para a reflexão e ação, buscando transformar as estruturas que perpetuam desigualdades e violências - bem como contribui para o reconhecimento do lugar da comunicação nesse debate.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo:Hucitec, 2014.
- AKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel,1989.
- DUARTE, Camila. Correa. Baptista. **Manifestações de preconceitos: a presença de haitianos em Pato Branco (PR)**. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GARIGHAN, Grégorie. Epistemicídio e o apagamento estrutural do conhecimento africano. Filosofia: Pesquisadores defendem que o processo de morte simbólica dos corpos de pensamento originados na África é resultado de uma sociedade que supervaloriza os ideais ocidentais. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, 20 maio 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/epistemicidio-e-o-apagamento-estrutural-do-conhecimento-africano> . Acesso em: 22 out. 2023.



HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.